

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Diabo e feitiçaria no Brasil Colônia

Késia Rodrigues de Oliveira*

*O Brasil é inferno dos negros, purgatório dos brancos,
e paraíso dos mulatos e mulatas.*

Antonil

O nascimento do Brasil enquanto "signo do Demo e das projeções do imaginário do homem ocidental" (p. 28), ora visto como paraíso terrestre ora como purgatório do Velho Mundo, além do mundo mágico luso-brasileiro, compõem a temática central de *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*, da historiadora Laura de Mello e Souza, também autora de *Inferno Atlântico: demonologia e colonização* (séculos 16-18) e *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século 18*.

Apresentado originalmente como tese de doutorado em História Social na Universidade de São Paulo, cujo título foi *Sabás e calundus: feitiçaria, práticas mágicas e religiosidade popular no Brasil Colonial*, publicado em 1986 e relançado em 2009, o ensaio é uma relevante contribuição aos estudos sobre religiosidade popular. Pioneiro nesses estudos, o trabalho de Souza é, também, uma importante leitura do registro, do real ao imaginário, da magia, das credices, superstições, medicina alternativa e comportamentos suspeitos, aos olhos da Inquisição, que eram praticados na colônia portuguesa.

Dividido em três partes e uma conclusão, o livro, segundo a escritora, "trata da feitiçaria, das práticas mágicas e da religiosidade popular no Brasil colonial dos séculos 16, 17 e 18, abarcando as regiões da Bahia, da Pernambuco, Paraíba, Grão-Pará, Maranhão, Minas Gerais e Rio de Janeiro" (p. 18). O trabalho é predominantemente fruto de suas pesquisas no arquivo das Devassas Eclesiásticas, nos documentos das Visitações e nos processos de réus brasileiros existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

A primeira parte "Riquezas e impiedades: a sina da colônia", dividida nos capítulos "O novo mundo entre Deus e o diabo" e "Religiosidade popular na colônia", que Souza apresenta o mar que, desde as grandes navegações, configura-se como espaço do medo: "o domínio privilegiado de satã" (p. 91). Os próprios relatos, lendas e narrativas de viagens, mesclando o fantástico com o real, narram à existência de seres monstruosos que habitavam os confins do mundo. A monstruosidade relaciona-se, assim, nesse contexto, com o desconhecido geográfico, que posteriormente seria demonizado.

Para a historiadora, que segue o pensamento crítico do filósofo francês Jean Delumeau, a formação do medo é natural e é "um componente maior da experiência humana".¹ Tal elemento pode ser visto como peça chave do processo colonizador lusitano e da construção demoníaca/monstruosa da figura dos ameríndios feita pelos europeus.

O espaço mítico marinho, reunido com o desembarque em terras nunca vistas, anexado ao "natural" medo humano, acentuou o deslocamento das projeções acerca das humanidades e das monstruosidades européias para a América. Essa monstruosidade relacionou-se, *a priori*, com o espaço geográfico, inicialmente desconhecido pelos portugueses, a ser explorado. O desconhecimento do território, da população e dos hábitos nativos, formatou o olhar português sob a Terra de Santa Cruz, gerando, assim, um processo de gradação.

Visto que a justificativa ideológica do processo de colonização desenvolveu-se em torno da cristianização dos "povos bárbaros", acreditava-se, de início, que o destino das caravelas portuguesas era o céu. As próprias descrições iniciais das novas terras muito se assemelhavam as narrativas bíblicas sobre o paraíso do Jardim do Éden.

Entretanto, tal visão não teve um êxito duradouro, pois a estadia dos portugueses no Brasil, o contato com as asperezas das alteridades, transformou, gradativamente, o paraíso em um inferno. A permanência nesse ambiente "infernalizado", consolidou, ao mesmo tempo, as terras conquistadas, como um espaço de purgatório, uma espécie de esperança de salvação para os cristãos.

A visão cristã do expansionismo além de determinar a edenização da natureza das terras "descobertas" e, posteriormente, deslocar o mito do Paraíso Terrestre para o Novo Mundo, reforçando o processo de colonização, conduziu também uma migração das marginalidades geográficas. Pois, a Terra de Santa Cruz foi porto de abrigo para os exilados de Portugal. A monstruosidade foi, desse modo, antes de tudo, trazida pelos portugueses, e aqui encontrou terra fértil.

A humanidade do Novo Mundo foi demonizada, animalizada e considerada pecadora, tanto na representação dos habitantes nativos como monstros, quanto na localização espacial da colônia, o afastamento geográfico da Metrópole excluiu, como selvagem, no que diz respeito à nudez e à vida natural, os nativos, e referendou, também como criminosos e pecadores, os degredados portugueses que aqui aportaram.

O Brasil surgia, assim, como um paraíso terrestre pela natureza e um inferno pela humanidade peculiar que abrigava. Para Souza:

A infernalização da colônia e sua inserção no conjunto dos mitos edênicos elaborados pelos europeus caminharam juntas. Céu e Inferno se alternavam no horizonte do colonizador, passando paulatinamente a integrar, também o universo dos colonos e dando ainda espaço para que, entre eles, se imiscuisse o Purgatório. Durante todo o processo de colonização, desenvolveu-se, pois uma justificação ideológica ancorada na Fé e na sua negação, utilizando e reelaborando as imagens do Céu, do Inferno e do Purgatório. (p. 372)

Dessa forma, a colônia era também espaço de extirpação dos pecados cometidos – o próprio degredo cumprido aqui poderia ser visto como purgatório. Nas novas terras, como reitera o discurso do jesuíta Antonil, purgava-se o açúcar e as almas. O céu, para os brancos seria a possibilidade de retorno à metrópole, para os negros, a salvação pela fé que lhes eram impostas.

No que tange à religiosidade, Souza adverte-nos que na Terra de Santa Cruz os "traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se na colônia, tecendo uma religião sincrética" (p. 97). Assim, o universo religioso colonial era uma mescla da religiosidade trazida pela Igreja com a religiosidade já existente na colônia portuguesa: recorria-se, por exemplo, simultaneamente a santos católicos, a orixás e ao diabo.

Quanto à natureza das práticas mágicas exercidas, assunto tratado na segunda parte do livro, "Feitiçarias, práticas mágicas e vida cotidiana", encontravam-se não só ligadas às necessidades iminentes do dia-a-dia, buscando resolver problemas concretos, como curar males, trazer de volta a pessoa desejada, diminuir a aspereza da vida; como também refletia tensões sociais. Assim, "na falta de explicações naturais, o homem se voltava para as sobrenaturais" (p. 167).

Nessa terra, tornada ora inferno, ora purgatório, as obras do diabo, aos olhos do ocidente cristão, circulavam livremente por meio de adivinhações, curas mágicas, benzeduras, aventuras ultramarinas, bolsas de mandinga, catimbós e calundus.

O recorte de Souza, marcado pelo embate entre dois mundos, Deus-Diabo; tradição-religiosidade popular; razão-símbolo, além de construir o estereótipo da bruxaria nos tempos coloniais, demonstraria que africanos, índios e mestiços seriam levados à feitiçaria e às práticas mágicas como uma tentativa de escape ao sistema opressor colonial, amenização de castigos, medo da condenação do fogo eterno e até fins amorosos – como as orações fortes, os sortilégios, as cartas de tocar, as simpatias, os pactos explícitos.

A multiplicidade das tradições culturais na colônia – mistura de religiosidade, satanismo e ocultismo – intolerada pela Igreja e pelo Estado, reforçou, sobretudo em Minas Gerais, a busca por "homogeneizar a humanidade inviável, animalasca, demoníaca do Brasil Colonial" (p. 71), por meio da catequese e das visitas inquisitoriais. O medo das visitas gerou denúncias infundadas e confissões forçadas. Para abordar esse assunto, a historiadora reserva o capítulo "Deflagrações e conflitos".

No universo mágico-religioso luso-brasileiro, a Inquisição fez-se como "melhor auxiliar de Leviatã" (p. 284), demonizando as manifestações de cultura popular, dando manutenção ao poder do Estado, infernalizando a vida colonial e perseguindo homens e mulheres tais como Maria Barbosa, Manuel João e Luzia Pinta, dentre outros perseguidos anônimos.

Souza encerra seu livro discutindo e, de certa forma, resgatando o universo cultural, as projeções imaginárias e as vivências reais da colônia. Por meio de um olhar voltado para a história que não foi contada da vida colonial, a historiadora demonstra que as práticas mágicas exercidas na colônia também tinham feição universal.

A leitura de *O diabo e a Terra de Santa Cruz* permite uma aproximação ao universo cultural do Brasil por meio do estudo das manifestações da religião e da feitiçaria, deslocando o leitor para o passado com o fim de fazer entender o sincretismo religioso de hoje. A descrição minuciosa das práticas religiosas da colônia evidencia que, sob o cenário paradisíaco da Terra de Santa Cruz, desembarcaram não só os portugueses com seus pertences, medos e ambições, mas também o diabo. Não o diabo alegórico dos discursos eclesiásticos ou o Mefistófeles, de Fausto, mas o diabo da intolerância, do pânico do desconhecido, que transformou o paraíso em terras infernais.

* **Késia Rodrigues de Oliveira** é graduanda em Letras e pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.

Nota

¹ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. Trad. Maria Lúcia Machado e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 18.